



“Corsários” na Enseada Batista das Neves -

Colégio Naval – Enseada Batista das Neves – Angra dos Reis, RJ

CMG (RM1) Alberto Piovesana Junior

Para mim, a Baía da Ilha Grande pode ser comparada a uma delicada joia com uma linda, preciosa e polida esmeralda, envolvida por rico rendilhado de exuberante vegetação em intrincada trama. A esmeralda, pontilhada de reflexos das mais de 300 ilhas existentes na Baía.

Em 1973, esse paraíso, então pouco habitado, era o “quintal” de numeroso grupo de jovens idealistas, a maioria ainda na adolescência, mas já orgulhosos de poder representar a Marinha do Brasil em seus uniformes brancos de caráter obrigatório, em todas as licenças do regime de internato do Colégio Naval (CN), concedidas, à época, apenas a cada 15 dias.

O Colégio dispunha de algumas poucas embarcações, entre veleiros, canoas canadenses e embarcações híbridas, propulsadas pela força do vento ou de remos. De algum modo propiciavam elas estender a meninice um pouco mais, em aventuras de pura “pirataria” em seu estilo mais romântico por aquelas águas cristalinas e “inexploradas”.

Bem firmou Luís da Câmara Cascudo no prefácio do primeiro livro de poesias do Comandante Lucimar Luciano de Oliveira, *O Mar e Outras Descobertas*, 1968:

“O Mar não guarda os vestígios das quilhas que o atravessam. Cada marinheiro tem a ilusão cordial do Descobrimento”.

Essa ilusão a que se refere Câmara Cascudo era uma verdade quase absoluta para aqueles “meninos” hígidos e sonhadores.

E é sobre isso que trata essa breve e despretensiosa narrativa, uma aventura, peripécia inesquecível àqueles que dela participaram. Um deles, personagem destacado dessa façanha, nos deixou e foi sozinho, recentemente, em busca do velho Caronte, para que ele o levasse em segurança para novas aventuras na “outra margem” desta vida, e mais além.

O esboço dessa narrativa já por alguns anos ronda



Angra dos Reis

A Tripulação do Escaler nº 1

Aluno 1001
Luiz Carlos CIOCCHI

Aluno 1064
Paulo BOLÍVAR de Freitas Filho

Aluno 1144
Alberto PIOVESANA Júnior

Aluno 1155
Wagner LÁZARO Ribeiro Júnior

Aluno 1251
João Luiz Xavier VIGO

minha imaginação; agora, no entanto, em reverência a esse bom amigo que terá sempre lugar na memória da Turma “Canecão”, abandono meu indefensável vagar e decido ordenar no tempo e no espaço.

Anelando pelo rigor dos fatos, considerando possíveis lapsos de memória, conversei com todos os diretamente envolvidos, amalgamando lembranças várias em uma narrativa que espero seja fluida e consistente, talvez não fiel à absoluta verdade, mas quem a tem? Talvez o Bolívar...

E foi assim que aconteceu...

Já um tanto, e inadvertidamente, despidos da roupagem de timidez e insegurança, perfeitamente natural e aceitável a calouros em tão peculiares condições, saídos do lar em tenra idade direto aos rigores de um internato em regime militar, já mais integrados à instituição que nos abrigava e, por que não acrescentar, mais “ousados”, um pequeno grupo de apenas cinco alunos do 1º ano armou um antigo e pesado escaler de madeira, do tipo que era usado em diversas unidades de ensino da Marinha.

Aparelhamos o escaler designado pelo número “1”, mastros, vergas, estais, brandais e outros preciosos itens de marinharia, e o vestimos com velhas, rotas e amareladas velas de brim grosso e áspero e, sem quaisquer outros aviamentos que não os componentes da palamenta básica, fizemo-nos ao mar e de vela no plácido e abrigado remanso da Enseada Batista das Neves, ao fundo da qual sobressai, contra o verde escuro da mata atlântica, o vetusto prédio pálido do Colégio Naval.

Largamos da ponte do Colégio estimo que pelas três horas da tarde, e rapidamente adquirimos o seguimento necessário para romper a barra da enseada e nos lançamos em direção ao “nosso mar alto”.

Havia um propósito claro naquela sortida: adestrar a tripulação para uma regata-desafio em planejamento para breve tempo. Seriam dois escaleres, paulistas contra cariocas, estávamos motivados a sustentar a “velha rixa” entre esses “dois irmãos” que se complementam e que, na Marinha, também com os oriundos de todos os rincões desse imenso Brasil, amalgamam-se em um só espírito em prol do País. Mas ainda não tínhamos clara a percepção desse destino: naquele momento, em nossos corações, falava mais alto a perspectiva da aventura e o espírito combativo contra os “adversários” a serem batidos.

Enquanto aparelhávamos o nosso “navio”, recebemos um alerta, uma praça de serviço no portaló avisou: “Vem vento por aí...” Mas ah, e a aventura... e a

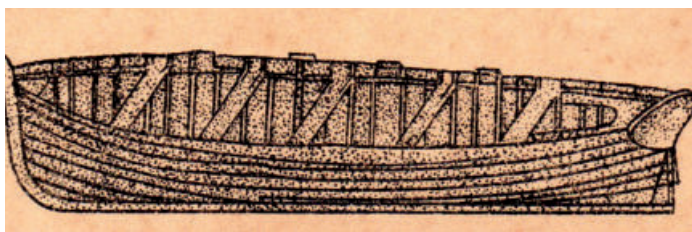
motivação da regata? Não haveria de ser uma brisa “um pouco” mais forte que iria nos fazer desistir de treinar naquela tarde ensolarada. Além disso, estávamos justamente em um veleiro, era de vento mesmo que precisávamos, e queríamos, às favas tanta precaução. Ainda podíamos ouvir o eco de algum trecho batido pelo professor de português... “e a salsugem...”, era isso, ansiávamos, sim, por sentir essa salsugem no rosto, afinal, quem sabia mesmo o que era “salsugem”? Haveríamos de descobrir... Desatracamos decididos... Às favas as “precauções despropositadas”, queríamos ir para o “mar” e, quem sabe, sentir a tal da “salsugem”.

Amuras a bombordo, pano ainda pouco enfunado, cabos tesos, poleame chiando em surdina, fomos sendo impelidos para fora do aconchego de nossa enseada... O Colégio Naval “diminuindo” no fim da esteira de branca espuma.

Em poucos minutos, espreitávamos pela alheta de boreste o Coqueiro, clube dos oficiais na Ponta do Bonfim que, em par com a Ilha Francisca a bombordo, delimita o abrigo da, hoje querida por nossa nostalgia, Enseada Batista das Neves. Demandando “nosso” “mar aberto”, fomos atingidos em cheio pela lestadada infrene, até então apenas se ocupando em perseguir carneiros de espuma que lhe fugiam em debandada para os lados de Paraty, a oeste, correndo sobre as águas emulsionadas e de aparência verde leitosa.

Escaleres são pequenas embarcações movidas a vela ou remos, podendo ser de palamenta, quando dois remadores ocupam a mesma bancada, um em cada bordo, ou de voga, em que há um remador por bancada, alternadamente, em cada bordo. Possuem formas finas, proa afilada e popa quadrada, denominada espelho ou painel. Em sua origem, foram utilizados como embarcações de serviço nos navios da era de marinha a vela, nos dias de hoje são um excelente recurso para formação e adestramento de marinharia básica, bem como adequado a regatas.

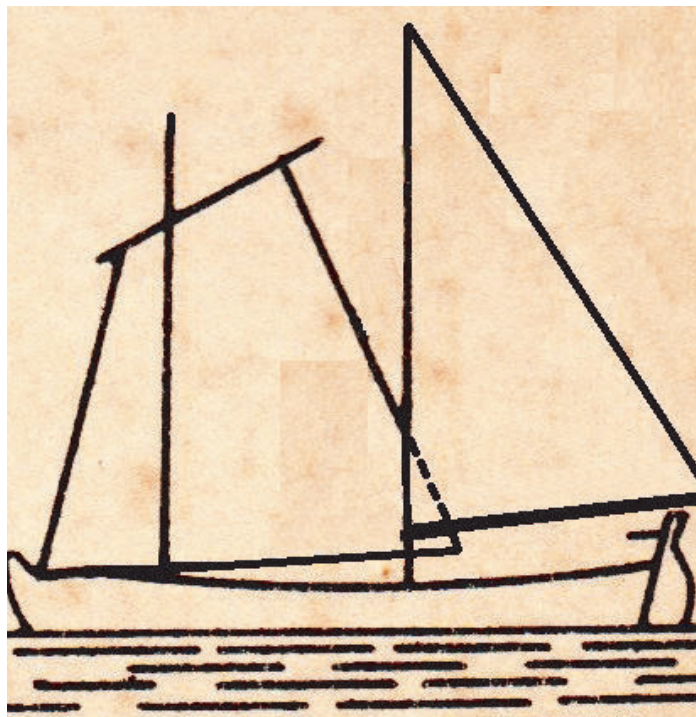
Aqueles escaleres do Colégio Naval eram de palamenta com cinco bancadas, voga, sota-voga, meio de bancada, sota-proa e proa.



Escalera de 5 Bancadas

Para navegar a pano, o aparelho dispunha de dois mastros, o grande um pouco a ré do meio da embarcação e o traquete mais junto à proa.

As velas eram de brim achavascado, ambas latinas: no traquete, de pendão, quadrangular com amura avante do mastro e vestindo verga, pela qual era içada; e, no grande, triangular, ou “vela bayoneta”, amurada ao mastro. Assim era composta sua armação.



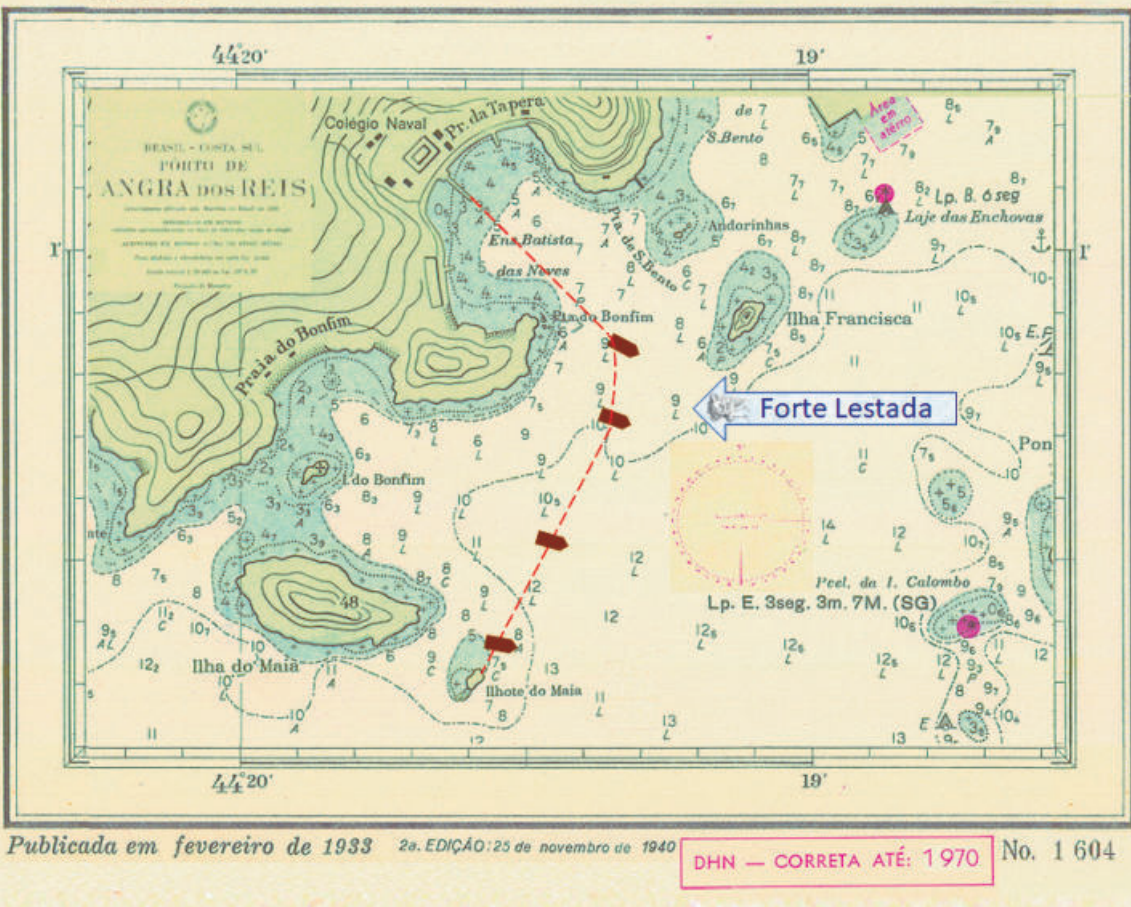
Escalera com dois mastros, grande com vela bayoneta e traquete com vela quadrangular de pendão

Esses escaleres não possuíam qualquer tipo de bolina, fixa ou móvel, em seu casco arredondado, “fundo de prato”, apenas a quilha era um pouco mais pronunciada. Essa característica estrutural, combinada com sua armação, tornavam-no um veleiro limitado, com reduzida capacidade de bolinar junto ao vento; navegando a pano, seu melhor desempenho era com ventos do través a um largo, e de popa.

Ainda mais grave do que bolinar mal, era que ao aproximar a proa ao vento, além da redução do seguimento avante, rolava com vontade para sota vento.

Isso tudo aprendemos rápido nos primeiros minutos fora da “concha” acolhedora de nossa enseada, em demanda do “mar alto”, com proa sul-sudeste.

Mantivemo-nos com amuras por bombordo, e o vigoroso leste fazia estalar a valuma dos panos e queixar mais alto todo o aparelho. A sota vento, as chumaceiras



Proximidades do Colégio Naval – trecho editado da Carta Náutica 1604

de bronze de boreste se aproximavam da água quando o barco adernava. Passaram rápido pela popa e logo estavam pela alheta de bombordo as pedras que arredondam a Ponta do Bonfim, indicativo certo de que rolávamos inexoravelmente, e rápido, para oeste, para cima da Ilha do Maia.

A decisão mais lógica, acertada e simples a ser tomada naquele momento era virar de bordo por d'avante, ou mesmo virar em roda, a que não nos atrevíamos pela

intensidade do vento e, também, porque nos aproximaria ainda mais da ilha. Não ousando arribar na direção da Ilha do Maia para ganhar seguimento e facilitar a manobra de virar de bordo por d'avante, preferimos permanecer naquele "mau bordo", inocentemente apostando que conseguiríamos passar, safos, por aquele obstáculo que crescia mais e mais por boreste.

Não sem uma boa dose de emoção, tivemos a certeza de que passaríamos pela Ilha do Maia, restando ainda, no entanto, safar a Ilhota, que se estende um pouco mais além para sudeste.

Outra decisão plausível, naquele momento tenso, além das já mencionadas, seria desistir da orça muito cochada que forçávamos em desespero, piorando a situação, arribar e desfechar um rumo que nos conduzisse, céleres, por entre a Ilha do Maia e sua Ilhota. No entanto, pela pouca experiência, para não dizer nenhuma, e pelo praticamente inexistente conhecimento mais detalhado da morfologia do fundo no local, não ousamos tomar essa decisão, insistindo em cochar ainda mais a orça, tentando sempre virar de bordo por d'avante ou navegar em rumo que nos permitisse "fugir" à perseguição da pequena ilha, sim, pois já era o que se nos afigurava, a Ilhota do Maia aparecia como "cruel e implacável perseguidor", a nos caçar naquelas águas tumultuadas e rasas em que havíamos nos metido.



Proximidades do Colégio Naval – a imagem por satélite

Ah... A vaidade, a falta de humildade do ser humano, de simplesmente admitir um erro e buscar outros rumos... Ah, o ego de cada um de nós... éramos garotos, vibrantes, movidos por um ideal maior que nos fazia intrépidos, homens-meninos... meninos-homens. Quantas lições a serem tiradas de um simples incidente, mas que poderia ter custado a vida de todos ou de alguns de nós.

No entanto, é fato que Deus protege bêbados e ignorantes... Nós não havíamos bebido.

Como uma serpente que hipnotiza sua vítima, a pequena ilha rochosa foi atraindo, “sugando” a pequena embarcação, estávamos definitivamente vinculados àquelas rochas negras, sem chance de haver uma retirada.

Lentamente fomos sendo jogados pelas ondas e pelo vento em direção às rochas.

Tentamos, ainda, uma última reação, aos remos, com nosso máximo e extremo empenho, mas já não havia força disponível que nos subtraísse àquele cenário.

Certamente por ter tocado no fundo, o leme saltou fora das governaduras no espelho de popa e foi à deriva, livre de um fiel que não fomos previdentes em passar, o leme não havia sido peado como recomenda a velha e boa marinharia.

Lembro-me de estar entre os mastros quando vi, e a cena é indelével em minha memória, o Bolívar, em um último e excruciante esforço, tentar barrar o avanço do escaler para a Ilha, escorando com o remo de voga que estava usando, a pá nas pedras das quais nos aproximávamos, e no abdome, virilha ou pélvis o punho do remo. A velha peça de madeira de lei não resistiu, partiu, tal a força com que éramos impelidos, e tal a robusta compleição física do Bolívar que, por muita sorte, não se feriu com gravidade.

Nesse transe, subitamente, qual mão amiga e oportuna, aproveitando a preamar bem recente, uma onda mais alta ergueu o escaler e com a “gentileza” que as circunstâncias permitiam, “pousou” a desarvorada embarcação sobre as pedras da ilha.

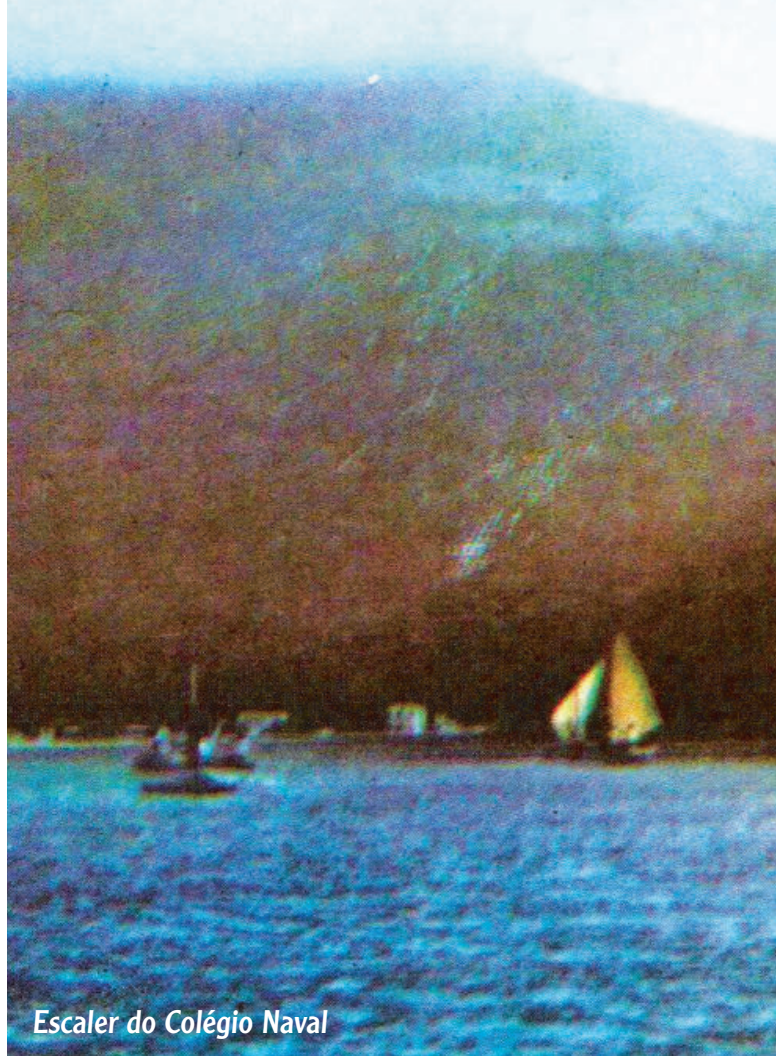
Nenhum de nós ferido, exceto o Bolívar com a quebra do remo.

Seguiu-se um breve momento de silêncio e perplexidade, contínuas e fervorosas rezas e promessas que vinham do bico de proa calaram. Do mar, apenas o estrondo das ondas agredindo as pedras, no ar o grito feliz de gaivotas “velejando” contra o vento forte.

Náufragos!!!

Com poucos meses na carreira de homens do mar... “Náufragos”, simples assim, caprichoso destino.

Com Apeliotes em dia de cólera, Éolo nos conduziu aos domínios de Poseidon. Inocentes que éramos, nunca



desconfiaríamos de tal artimanha dos deuses.

Empoleirado na Ilhota qual fera acuada, fustigado por alguma onda mais atrevida, o velho escaler ainda gemia o tabuado ferido do casco, rebelando-se de encontro às rochas, na ânsia, quem sabe, de ver-se livre do cenário vexatório em que jovens incautos o haviam colocado no final de vida, expondo-o ao vexame aos “olhos” de outras embarcações que porventura dali se aproximassem. Barcos, navios... têm alma, e aquela estava ferida.

Em um lapso saímos da perplexidade e tratamos de “abandonar o navio”, temerosos de que nele permanecendo poderíamos nos expor a algum risco maior, caso alguma onda mais possante o emborcasse, por exemplo.

“Perdidos” em “nossa” ilha, deliberamos que um de nós deveria nadar para colocar-se em posição onde mais facilmente pudesse ser visto por alguma embarcação que estivesse retornando para o porto.

Assim foi feito e um pescueiro, retornando de faina, o recolheu e levou ao Colégio Naval, de onde partiu uma embarcação para nos resgatar.

O velho “boi”, que servia de embarcação de apoio ao Colégio, logo apareceu. Lembro-me do Patrão-Che-



fe do Grêmio de Vela à proa da embarcação.

Seguimos todos taciturnos, no retorno para o Colégio, digerindo tristeza e vergonha pelo ocorrido. Não sabíamos, ainda, que certas coisas, mesmo aquelas que a providência poderia, e deveria evitar com facilidade, só ocorrem àqueles que vão para o mar, que decidem, mesmo erradamente, enfrentar os riscos que os elementos adversos oferecem. Ficou a inesquecível lição, começou ali nossa real formação marinheira.

O escaler foi resgatado, aproveitando-se a preamar noturna, exatamente à meia-noite, rebocado de volta ao Colégio e içado na rampa para a garagem de barcos. Não participamos da faina do resgate, talvez houvesse alguma prova no dia seguinte, ou certamente teríamos aprendido muito com o oficial do Corpo de Alunos que a coordenou, um dos que sempre nos serviram de exemplo ao longo da carreira ou fora dela. O então tenente foi pessoalmente buscar no Estaleiro da Verolme alguns tambores grandes que, durante o reboque, devidamente amarrados como flutuadores ao sofrido e magoado casco, impediram que o valente escaler naufragasse no curto percurso até o CN. Ainda

guardo na memória a imagem desse barco-navio no seco sobre seu picadeiro, aguardando reparo.

Hoje, passados exatos 48 anos desse episódio, ocorrido em setembro daquele ano, tivesse eu a oportunidade de encontrá-lo, quem sabe exposto em algum museu, então, reverente e com ternura para não o despertar do merecido repouso, deslizaria as mãos por suas tábuas gastas e cansadas de mar, seus bronzes polidos pela coça de cabos rústicos e das ascomas de couro cru dos remos, suas curvas graciosas, seus entalhes artesanais, e cismaria um arremedo de prece, um agradecimento à sua alma por se ter mantido protetor entre nós, marinheiros de primeira viagem, e as rochas da Ilhota do Maia, emendando em preito de saudade ao Aluno 1064, Bolívar, amigo querido que já iniciou a grande viagem pelos altos mares do infinito. ■

Fontes de referência técnica e imagens (em ordem cronológica de Edição)

- Barão de Angra – Dicionário Marítimo Brasileiro Rio de Janeiro, 1877.
- Amphilóquio Reis – Dicionário Técnico da Marinha - Rio de Janeiro, 1947.
- Amphilóquio Reis – Manual Para as Embarcações Miúdas - Rio de Janeiro, 1937.
- Diretoria de Hidrografia e Navegação – Carta Náutica 1604 – Porto de Angra dos Reis – Rio de Janeiro, publicada em 1933, 2ª Edição em 1940, última correção em 1970.
- Colégio Naval - Revista A Fragata – Angra dos Reis, 1974.
- Googlemaps – Imagem Satélite das proximidades da Enseada Batista das Neves – 2021.